

**UMA CHANCE DE CONTINUARMOS ASSIM: UM ROMANCE AFROFUTURISTA
BRASILEIRO DE TAIASMIN OHNMACHT**

**UMA CHANCE DE CONTINUARMOS ASSIM: A BRAZILIAN AFROFUTURIST
NOVEL BY TAIASMIN OHNMACHT**

DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e18769

Rayssa Duarte Marques Cabral¹

Resumo: Trata-se de uma resenha de *Uma chance de continuarmos assim*, segundo romance da escritora negro-brasileira contemporânea Taiasmin Ohnmacht, publicado em 2023. Nesta oportunidade, sua obra será classificada e contextualizada a partir do gênero ficção científica e seu subgênero afrofuturismo; bem como pensada em relação ao léxico de termos de origem africana presentes na obra, *Sankofa* e *Mate Masie*, a fim de estabelecer conexões com o tempo espiralar e a ancestralidade.

Palavras-chave: *Uma chance de continuarmos assim*; Taiasmin Ohnmacht; ficção científica brasileira; afrofuturismo.

Abstract: This is a review of *Uma chance de continuarmos assim*, the second novel by contemporary black-Brazilian writer Taiasmin Ohnmacht, published in 2023. On this occasion, her work will be classified and contextualized in terms of the science fiction genre and its Afrofuturism sub-genre; as well as considered in relation to the lexicon of terms of African origin present in the work, *Sankofa* and *Mate Masie*, in order to establish connections with spiral time and ancestry.

Keywords: *Uma chance de continuarmos assim*; Taiasmin Ohnmacht; Brazilian science fiction; afrofuturism.

“Cuidados com o destino, um mundo descortino
Soltando a língua antes presa no véu palatino
Eu também quero agora
Não só pra futuras gerações
Agora, sim! Temos opções
Quebrando os padrões, saindo dos porões
Dê-me um punhado de palavra e fogo
Faço minhas poções”

(*Afrofuturo*, Ellen Oléria, 2016)

Uma chance de continuarmos assim é o segundo romance da psicóloga e psicanalista brasileira Taiasmin Ohnmacht. Natural da cidade de Porto Alegre, a escritora, que foi

¹ Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Professora da Rede Pública Estadual de Mato Grosso. E-mail: rayssa.cabral@unemat.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2663-5875>.

relacionada no catálogo *Intelectuais Negras Visíveis* (2017) lançado na FLIP, também é autora de *Visite o decorado* (Figura de Linguagem, 2019) e *Vozes de retratos íntimos* (Taverna, 2021). Além disso, publicou textos nas antologias *Fake Fiction: contos sobre um Brasil em que tudo pode ser verdade* (Não Editora, 2020), *Contos de psicanálise* (Diadorim, 2020) e *Travessias de Amanã: textos poemas e reflexões* (Libretos, 2021).

Apesar de alguns esboços da história terem sido lançados em formato de folhetim no *Matinal Jornalismo*, *Uma chance de continuarmos assim* foi publicado em formato de livro apenas em 2023, pela Diadorim Editora. Como a epígrafe de Jorge Fróes² prevê, “Ó mar! Esquecer dói mais que lembrar”, o romance parece ser uma tentativa de concretizar essa premissa, conforme observado na passagem: “Um futuro sem possibilidade de acessar o passado é pura angústia.” (Ohnmacht, 2023, p. 27).

Antes de adentrar o conteúdo do romance propriamente, insta problematizar sua possível classificação: seria ele uma obra do gênero ficção científica? Pois bem. Conforme nos ensina Dutra (2009), os países mais afetados pelas transformações provocadas pela ciência e tecnologia, expoentes no processo de revolução industrial, primeiramente Inglaterra e França do século XIX e, posteriormente, os Estados Unidos do século XX, propiciaram o desenvolvimento do gênero. Assim, se a literatura é fruto das condições históricas da sociedade, é inegável que as produções cinematográficas também corroboraram para a popularização e a consolidação do gênero.

Ao trazer um recorte, a partir do contexto de produção literária brasileira, Dutra (2009) esclarece que, contrariamente ao que seria esperado, a ficção científica não demora a aparecer, ela começa a ter suas primeiras manifestações entre o final do século XIX – alguns exemplos são o romance *O Doutor Benignus* (1875), de Augusto Emílio Zaluar, e o conto “O Imortal” (1882), de Machado de Assis – e o início do século XX – a exemplo de *O Reino de Kiato: No País da Verdade* (1922), de Rodolfo Teófilo, *O Presidente Negro* (1926), de Monteiro Lobato, *A liga dos planetas* (1923), de Albino José Ferreira, dentre outros. Dutra (2009) também menciona outros marcos significativos para o gênero, tais como o lançamento da primeira

² Poeta, escritor e professor de literatura. Jorge Fróes é integrante da Associação Negra de Cultura (ANdC) e um dos idealizadores e organizadores do projeto Leituras Negras, que, desde 2005, periodicamente, promove o encontro de leitores para reflexão e discussão de livros com temática negra em Porto Alegre.

Antologia Brasileira de Ficção Científica³ em 1960, organizada por Gumercindo Rocha Dorea⁴, bem como a fundação da Sociedade Brasileira de Ficção Científica, em 1964.

Assim como em outros gêneros, a autoria feminina não é tão representativa. Apesar disso, podemos citar alguns nomes de autoras brancas que se consolidaram e são reconhecidas neste gênero, como é o caso da estadunidense Ursula K. Le Guin (1929-2018) e da canadense Margaret Atwood (1939). Se fizermos outro recorte a partir de uma perspectiva racial, mesmo nos Estados Unidos, não são muitos os autores negro-estadunidenses que se dedicam ao gênero, para citar alguns, temos Samuel R. Delany (1942), Charles Saunders (1946-2020) e Octavia E. Butler (1947-2006).

Em respeito à tradição, a obra de Ohnmacht não só cita, como também estabelece um diálogo com sua predecessora Butler, autora previamente mencionada e reconhecida por sua escrita de ficção científica feminista e com protagonismo negro, tendo como pauta questões raciais, de racismo e preconceito. Durante o romance, o nome da escritora aparece algumas vezes, como em: “Marcela me apresentou ao mundo da ficção e eu apresentei Octavia Butler para ela, teria sido uma troca justa se tivesse parado aí.” (Ohnmacht, 2023, p. 8); e “[...] líamos juntas *Despertar*⁵ e *A parábola do semeador*⁶, e discutíamos sobre outros mundos possíveis e imaginávamos com Butler e imaginávamos.” (Ohnmacht, 2023, p. 9). As menções à escritora estadunidense já nas primeiras páginas do romance de Ohnmacht sinalizam o gênero que o leitor pode esperar encontrar nas páginas seguintes, mais do que uma discussão esperançosa em relação ao futuro de duas estudantes universitárias negras, tratar-se-á de uma estória sobre um futuro que será acessado por algum aparato tecnológico, comum nas obras de ficção científica.

Nesse contexto, percebe-se que a autoria negro-feminina e brasileira, materializada no romance *Uma chance de continuarmos assim*, com as protagonistas negras e estudantes universitárias Paula e Marcela, opõe-se ao que se solidificou como ficção científica, pois, tradicionalmente, nas obras do gênero, é comum a invisibilidade dada às pessoas negras, em

³ Com histórias de autores como André Carneiro, Antonio Olinto, Clóvis Garcia, Dinah Silveira de Queiroz, Fausto Cunha, Jerônimo Monteiro, Lúcia Benedetti, Rubens Teixeira Scavone e Zora Seljan.

⁴ Gumercindo Rocha Dorea, considerado pela *Science Fiction Encyclopedia* como o editor mais importante na história da ficção científica no Brasil, foi idealizador das Edições GRD, com publicações de autores brasileiros do gênero que ficaram conhecidos como Geração GRD, entre as décadas de 60 e 70.

⁵ *Dawn (O despertar*, em português), publicado em 1987, é o primeiro volume da trilogia *Xenogenesis*, ou *Lilith's Brood series*. O romance retrata uma Terra devastada por uma guerra que destruiu o planeta, tornando-o inabitável. Uma raça de alienígena chamada de Akali salva alguns seres humanos e os levam para suas naves e, por 250 anos, cuidam para que a Terra se torne novamente habitável.

⁶ *Parable of the Sower (A parábola do semeador*, em português), publicado em 1993, é o primeiro volume da duologia *Parable*, ou *Earthseed series*. O romance se passa em um futuro para a época, em 2024, em uma comunidade murada, em um mundo que enfrenta a escassez de recursos naturais.

contraste com “[...] a extrema visibilidade oferecida a um gênero com cerne especulador aos personagens que carregam os mesmos padrões dos proponentes da escravidão europeia, sempre brancos, homens, heterossexuais.” (Dias; Rodrigues, 2021, p. 285). E, curiosamente, “Se examinarmos o gênero em retrospectiva, fica evidente que a ficção científica nunca se preocupou com o futuro, mas sim com o feedback de engenharia entre o seu futuro predileto e o seu devir presente” (Eshun, 2003, p. 290, tradução nossa).⁷

Constatadas questões como essas, urge, então, o surgimento de uma resposta a fim de confrontar e subverter tais padrões do gênero, um subgênero dentro da ficção científica: o Afrofuturismo, termo cunhado por Mark Dery (1995) para se referir a um movimento estético de resistência que parte do pressuposto de que é necessário pensar em um futuro no qual o protagonismo negro se faça presente. De acordo com o autor: “A noção de Afrofuturismo dá origem a uma antinomia preocupante: Pode uma comunidade cujo passado foi deliberadamente apagado, e cujas energias foram subsequentemente consumidas pela procura de vestígios legíveis da sua história, imaginar futuros possíveis?” (Dery, 1995, p. 180, tradução nossa).⁸ As obras afrofuturistas estão aí para trazer alternativas para o nosso modo de viver em sociedade e com o meio ambiente, trazendo conhecimentos diferentes a fim de podermos especular o futuro e os rumos da humanidade a partir dessas outras perspectivas. Nesse contexto, Fábio Kabral (2017, n. p.) esclarece que:

[...] o Afrofuturismo prima necessariamente pelo protagonismo não apenas de personagens negros e negras, mas também o de autores e autoras negros. É um movimento cultural concebido e protagonizado por pessoas negras, tanto na esfera ficcional quanto na esfera real. Sem compreender isso, ao meu ver, não é possível seguir adiante.

No Brasil, na atualidade, além de Ohnmacht, podemos citar como autores afrofuturistas ou com obras do gênero: Lu Ain-Zaila⁹, Fábio Kabral¹⁰, Ale Santos¹¹ e Sandra Menezes¹². Movidos pela indagação de Dery (1995), os autores procuram por respostas alternativas, como

⁷ No original: “Looking back at the genre, it becomes apparent that science fiction was never concerned with the future, but rather with engineering feedback between its preferred future and its becoming present.”.

⁸ No original: “The notion of Afrofuturism gives rise to a troubling antinomy: Can a community whose past has been deliberately rubbed out, and whose energies have subsequently been consumed by the search for legible traces of its history, imagine possible futures?”.

⁹ Autora da *Duologia Brasil 2408*, composta por *(In)Verdades: ela está predestinada a mudar tudo* (2016) e *(R)Evolução: eu e a verdade somos o ponto final* (2017).

¹⁰ Autor da trilogia composta por *O caçador cibernético da rua treze* (2017), *A cientista guerreira do facão furioso* (2019) e *O blogueiro bruxo das redes sobrenaturais* (2021)

¹¹ Autor do romance *O último ancestral* (2021).

¹² Autora do de *O céu entre mundos* (2021).

é o caso de *Uma chance de continuarmos assim*. Diante disso, vale ressaltar que, no espaço literário, a autoria feminina e negra é sempre oportunidade de reivindicação, e no gênero da ficção científica não é diferente, trata-se de um território a ser ocupado (ou contestado).¹³ Assim, a fim de corroborar para a construção de um imaginário diferente, com o intuito de não só rememorar o passado e criticar o presente, mas também pensar sobre o futuro, a literatura afrofuturista tem ganhado espaço.¹⁴ Referida premissa, que une os três tempos, está presente em toda a narrativa, tal como fica evidenciado no trecho: “Acho que não me lembro de tudo, algo aconteceu com minha memória, preciso registrar, tenho medo de esquecer o amanhã. Sankofa, é preciso voltar. Sankofa, só se avança ao voltar.” (Ohnmacht, 2023, p. 9).

O romance apresenta um enredo não-linear, no qual os tempos passado, presente e futuro misturam-se à memória. As protagonistas Paula e Marcela criam, no laboratório da universidade, um dispositivo capaz de viajar no tempo, permitindo a elas a exploração de futuros possíveis, entre distopias e utopias. Ao dispositivo, deu-se o nome de Sankofa, escolha nada aleatória, uma vez que reforça ainda mais o imaginário pautado na ancestralidade africana, no tempo espiralar¹⁵ e nas projeções de um futuro próspero. Isso porque Sankofa Adinkra¹⁶ é um símbolo constituído por um pássaro mítico com a cabeça virada na direção oposta a de seus pés, firmemente plantados à sua frente. O povo Akan de Gana é o criador da palavra “Sankofa”, proveniente da também denominada língua Akan, cuja tradução literal é “voltar atrás e ir buscá-la”. Assim, o termo solidificou-se como um símbolo da busca de conhecimento, um lembrete da importância de ganhar sabedoria a partir das experiências do passado, a fim de se ter um futuro mais bem sucedido (Sankofa, 2023).

Além desse, outros termos e denominações foram cuidadosamente escolhidos para a obra, soando até mesmo poéticos, como é o caso do nome do centro de convivência “Resistência” – “Resistência. Curioso o nome que esse pessoal da física deu para o centro de

¹³ Para usar o termo de Dalcastagnè, consolidado na crítica literária atual por meio da premissa constituída em seu título *Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado* (2012), obra que, dentre outras ideias, defende que “[...] todo espaço é um espaço em disputa, seja ele inscrito no mapa social, ou constituído numa narrativa” (Dalcastagnè, 2012, p. 5).

¹⁴ No Brasil, podemos citar como exemplos de obras e escritores(as) afrofuturistas: a Duologia Brasil 2408, de Lu Ain-Zaila, composta por *(In)Verdades: ela está predestinada a mudar tudo* (2016) e *(R)Evolução: eu e a verdade somos o ponto final* (2017); a trilogia afrofuturista de Fábio Kabral, composta por *O caçador cibernético da rua treze* (2017), *A cientista guerreira do facão furioso* (2019) e *O blogueiro bruxo das redes sobrenaturais* (2021); e os romances *O último ancestral*, de Ale Santos (2021); e *O céu entre mundos*, de Sandra Menezes (2021).

¹⁵ Termo cunhado por Leda Maria Martins (2021), que apresenta uma alternativa ao tempo linear, cronológico, que se organiza de uma forma sequencial e irreversível. O tempo espiralar será melhor explorado mais adiante nesta resenha.

¹⁶ Adinkra são símbolos de Gana que representam conceitos ou aforismos; são amplamente utilizados em tecidos, logotipos e cerâmicas.

convivência, me faz pensar nos movimentos populares, em slam, na resistência negra, e sobretudo em território livre, mas o grafite com a fórmula na parede acrescenta sentidos que desconheço.” (Ohnmacht, 2023, p. 8); de uma das cidades que aparece no romance, “Horizontes” – “Apagados da história de Horizontes, resistem na memória popular através da nomeação do lugar onde a cidade toca o céu.” (Ohnmacht, 2023, p. 56); e do laboratório subaquático “Clarão da Morte” – “Assim que saímos do Clarão da Morte, esperei por uma perseguição em terra que não aconteceu.” (Ohnmacht, 2023, p. 62).

O romance é de curta extensão, tem pouco mais de cem páginas, e é dividido em quatorze capítulos, cada um com seu respectivo título, o que já sinaliza para o que será desenvolvido ali. Narrado majoritariamente em primeira pessoa, pela personagem Paula, a prosa de Ohnmacht é uma experiência estética que causa certo estranhamento no leitor pela forma como foi escrita. Sua estrutura circular, confusa, repetitiva e fragmentada, combina com o que está sendo vivenciado pela narradora principal, que tem feito as viagens no tempo: “E se eu enlouquecer de vez? E se passado, presente e futuro se fundirem na minha cabeça?” (Ohnmacht, 2023, p. 9). A confusão temporal, espacial e narrativa da protagonista vai ao encontro de seu estado mental, de alguém que está em processo de elaboração de sua própria narrativa, assemelhando-se, inclusive, a alguém que esteja passando por um processo de análise psicanalítica.

Ao misturar a instabilidade mental da protagonista como uma forma de trazer uma explicação que acobertasse e caminhasse junto com o elemento da ficção científica, percebemos uma tentativa de trazer verossimilhança para a narrativa. A “loucura” passa a ser uma metáfora para aquilo que não pode ser compreendido, assim como a própria viagem no tempo. Ainda nessa toada, mais do que trabalhar com a questão da viagem do tempo, ideia comumente presente em outras obras de ficção científica, com um dispositivo denominado de Sankofa, insere-se na narrativa uma relação diversa, cujo tempo cronológico não consegue abarcar, pois:

Sem retorno. Sankofa não é isso, *Sankofa é tecnologia porque é conhecimento*, não é uma máquina. Eu e Marcela nos enganamos. Sankofa é buscar aquilo que foi vivido e que se perdeu, buscar o que precisamos naquilo que foi contado e que não encontrou lugar. Sankofa é encontrar lugar para algo que se perdeu no passado e que é necessário para o presente. Eu estou enganada, eu ainda não fiz minha Sankofa, preciso fazer. É preciso que algo sobreviva ao fim para que a humanidade sobreviva. Histórias ancestrais falam em Marcela, e em como ela e sua linhagem foram responsáveis pelo avanço nos estudos da imunologia (Ohnmacht, 2023, p. 72, destaque inserido).

Nesse contexto, é possível estabelecer um diálogo da ficção de Ohnmacht com outras pensadoras negro-brasileiras contemporâneas que reconhecem a ancestralidade como instrumento de resgate de conhecimentos capaz de impactar no presente e num futuro de transformação, pois “[...] as tecnologias ancestrais de produção de infinitos que herdei e que cultivo me mantêm viva, pronta para lutar pela vida e também para desfrutá-la, porque mereço ser feliz e plena.” (Silva, 2020, p. 63) e “A primazia do movimento ancestral, fonte de inspiração, matiza as curvas de uma temporalidade espiralada, na qual os eventos, desvestidos de uma cronologia linear, estão em processo de uma perene transformação.” (Martins, 2021, p. 84). Razão pela qual o tempo espiralar é a presença de um passado-presente-futuro, sendo o que liga a ancestralidade ao presente e ao futuro; lembrando a filosofia africana, no romance são mencionados: “Mate Masie: eu ouço e guardo. Sankofa: para haver futuro é necessário existir o passado, não é possível apagá-lo nem viver como se nada tivesse acontecido.” (Ohnmacht, 2023, p. 96).

Assim como Sankofa, Mate Masie é um símbolo Adinkra que reúne as virtudes do conhecimento, da sabedoria e da previsão; e enfatiza a importância de ouvir os outros e de obter conhecimento do que eles têm para partilhar, traduzindo-se em “O que ouço, guardo”. Serve como lembrete para se fazer julgamentos sólidos e colocar o nosso conhecimento em bom uso em todos os momentos (Mate Masie, 2023). No romance, tem-se que: “A vida de um depende de todos, a vida de todos depende de cada um. Um conhecimento ancestral que precisava ser reconhecido e resgatado.” (Ohnmacht, 2023, p. 102)

O romance traz a questão do tempo a partir de uma perspectiva diferente: “[...] não ando mais em linha reta.” (Ohnmacht, 2023, p. 16), pois “Nas espirais do tempo, tudo vai e tudo volta.” (Martins, 2021, p. 84). Assim, no que se refere ao passado, ele é mais que um momento no tempo, trata-se do lugar de um saber e de uma experiência acumulativos, os quais habitam o presente e o futuro, sendo por eles também habitado (Martins, 2021). No romance, a referência indireta ao passado escravista brasileiro preconiza uma consciência de que se trata de um período que não deve ser esquecido, de um tempo que não devemos permitir que seja revivido:

Muito discutimos sobre a direção do deslocamento no tempo, rapidamente concluímos ser o futuro o único sentido possível.

E amiga, melhor assim, duas mulheres pretas no passado não tem como dar bom.

Entendi na hora do que ela falava: viagem ao passado, se existisse, seria para brancos, para nós os riscos seriam imensos (Ohnmacht, 2023, p. 16).

O Brasil é o vasto cenário geográfico e socioeconômico onde a narrativa se desenrola, com a herança de seu passado escravista exposta de maneira evidente. Dentro desse contexto, outro espaço significativo é destacado: a universidade pública, “Tenho agradecido todo este tempo às ações afirmativas por ter tornado a universidade um ambiente diverso, felizmente este é um momento em que uma mulher negra pode transitar entre os alunos sem causar muita estranheza.” (Ohnmacht, 2023, p. 45). O trecho ilumina uma realidade atual: mais negros nas universidades brasileiras, mas o uso do pronome indefinido “muita” ressalta que a desigualdade étnico-racial na universidade ainda segue existindo.

Apesar de, em alguns momentos, haver uma espécie de didatismo, com referências que poderiam ser mais valorizadas se apenas citadas, em vez de exaustivamente explicadas, a precariedade do espaço para a ciência, a pesquisa e o acesso de mulheres negras à universidade são temas que envolvem a trama e que trazem verossimilhança para a contemporaneidade brasileira.

Diferentemente de obras de ficção científica mais convencionais, não percebemos um excesso de descrições do espaço e da realidade ficcional criada, o que pode ser considerado uma fraqueza na obra. Por outro lado, a relação que foi estabelecida e que interliga o tempo espiralar, a ancestralidade e os saberes africanos, trazem uma interessância para o romance, que transcende o nicho da ficção científica, apresentando um exemplo de uma obra afrofuturista brasileira e de autoria feminina. O desfecho reconhece a herança dessa voz e do poder da escrita, abrindo caminho para um porvir: “Coube à Paula parar a máquina para que o movimento fosse de todos nós. Agora é a minha vez de escrever a história: meu nome é João.” (Ohnmacht, 2023, p. 103).

Referências

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte; Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2012.

DERY, Mark. *Black to the Future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate, and Tricia Rose*. 1995. Disponível em: <https://www.uvic.ca/victoria-colloquium/assets/docs/Black%20to%20the%20Future.pdf>. Acesso em: 24 dez. 2023.

DIAS, Jéssica Cristina do Nascimento; RODRIGUES, Márcio dos Santos. Por uma genealogia do afrofuturismo. *Kwanissa: Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros*, v. 4, n. 7, 2021. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/kwanissa/article/view/15334>. Acesso em: 24 dez. 2023.

- DUTRA, Daniel Iturvides. Ficção científica brasileira: um gênero invisível. *Letrônica*, v. 2, n. 2, p. 222-232, dezembro 2009. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/5082/4626>. Acesso em: 08 dez. 2023.
- ESHUN, Kodwo. Further considerations of Afrofuturism. *CR: The New Centennial Review*, v. 3, n. 2, p. 287-302, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1353/ncr.2003.0021>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/27225560_Further_Considerations_on_Afrofuturism. Acesso em: 08 dez. 2023.
- KABRAL, Fábio. Afrofuturismo: ancestralidade e protagonismo de rosto africano. *Revista Subjetiva*, 4 set. 2017. Disponível em: <https://medium.com/revista-subjetiva/afrofuturismo-ancestralidade-e-protagonismo-de-rosto-africano-e033e029b241>. Acesso em: 10 dez. 2023.
- MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- MATE masie. In: SYMBOLIKON: worldwide symbols gallery, 10 dez. 2023. Disponível em: <https://symbolikon.com/downloads/mate-masie-adinkra/>. Acesso em: 10 dez. 2023.
- OHNMACHT, Taiasmin. *Uma chance de continuarmos assim*. Rio de Janeiro: Diadorim, 2023.
- SANKOFA. In: SYMBOLIKON: worldwide symbols gallery, 10 dez. 2023. Disponível em: <https://symbolikon.com/downloads/sankofa-adinkra/>. Acesso em: 10 dez. 2023.
- SILVA, Cidinha da. Entrevista com Cidinha da Silva: Eu sou a natureza dos orixás que sopraram o barro e me fizeram gente. [Entrevista concedida a] Maria Williane da Rocha Souto e Nádia Prestes Baptista. *Revista Légua & Meia*, Feira de Santana, v. 11, n. 1, p. 61-65, 2020. Disponível em: <http://ojs3.uefs.br/index.php/leguaEmeia/article/download/6214/4881>. Acesso em: 10 de dez. 2023.

*Recebido em 21 de fevereiro de 2024
Aceito em 27 de abril de 2025*